

Petista virou campanha com mudança de discurso

RICARDO AMARAL
E RODOLFO FERNANDES

BRASÍLIA — Antes de imprimir um tom pessoal à campanha, Lula chegou a reclamar que os petistas o tinham abandonado, no momento em que os institutos de pesquisa apontavam que estava em quinto lugar, atrás de Collor, Brizola, Afif e Maluf. Decidiu tirar o paletó e romper os limites impostos pelas diversas correntes do partido que discutiam os rumos da campanha. Lula estava sobre uma Kombi, numa carreta em Belo Horizonte, quando resolveu mudar seu discurso. Era começo de outubro e o candidato iria, no dia seguinte, para o “Encontro de Meninos de Rua”, em Brasília.

— O Covas anda falando de AMX, o Gabeira fica com esse papo de jacaré. Pois eu vou contar para esses meninos a história da minha vida — pensou alto o candidato.

A fórmula fez tanto sucesso que Lula passou a repeti-la em todos os comícios. Começava em Garanhuns, menino pobre que acompanhou a mãe, Euridice, na fuga para São Bernardo, com escadas em Recife, São Paulo e Santos, em nada diferente da vida de muitos dos seus ouvintes. Demorava-se uma hora nesta autobiografia, duas ou três vezes num mesmo dia. Assessores e parlamentares acostumaram-se à rotina.

Como técnica de oratória, Lula faz

seus discursos com os olhos fixos em alguém da platéia, sustentando o olhar para medir a emoção. Ele reclama que esse macete não funciona quando discursa no Congresso. O Deputado Luís Inácio não se notabilizou como orador e culpa, por isso, os outros deputados, que não prestam atenção ao que ele fala. Ao longo da campanha, Lula foi introduzindo, nas entrevistas, pequenas doses de ironia, frases contra os adversários criadas em parceria com seu assessor de imprensa, Ricardo Kotscho, e com o Deputado Paulo Delgado (PT-MG).

O grupo estava em Curitiba quando Brizola ofendeu uma repórter que fizera uma pergunta incômoda — o episódio das calcinhas. No quarto do hotel, os três criaram a frase que Lula diria aos repórteres no momento de repercutir o erro de Brizola: “Se um cachorro morder minha perna, eu vou reclamar com o dono, não vou latir para o cachorro”, disparou. Delgado emprestou a Lula a piada com que o candidato Paulo Maluf (PDS) foi fulminado num debate de TV: “Você é competente porque compete, compete e não ganha nunca”. Mas foi Lula quem descartou um ataque de Ronaldo Caiado, em outro debate: “Quando você chegar a 1,5%, eu te respondo”.

A novidade de voar tanto chegou a assustar o ex-retirante. Principalmente quando usava bimotores, no

começo da campanha, que desciam em aeroportos pequenos do interior. Sempre havia o risco de as hélices atingirem os militantes que ficavam na pista, desafiando a segurança para ver o candidato. Foi quando o público de seus comícios começou a se comportar de maneira frenética que Lula percebeu suas chances de chegar ao segundo turno, apesar das pesquisas. Mais precisamente em outubro, num comício em Fortaleza.

Os organizadores sabiam que Fortaleza tinha tudo para ser um fracasso: a experiência negativa com a primeira administração petista, da ex-Prefeita Maria Luísa Fontenelle; a forte presença do brizolismo; o apoio do Governador Tasso Jereissati a Covas. Mesmo assim, Lula fez o maior comício da campanha em Fortaleza. Chorou, pela primeira vez, no palanque. Chorou de novo, na volta, quando a mulher, Mariza, contou que ganhara uma aliança de ouro, presente de uma cearense pobre, para ajudar na campanha.

Entre amigos, Lula queixa-se de uma “injustiça da imprensa”: as reverências ao líder do Solidariedade polonês, Lech Walesa. Quando os dois se encontraram pela primeira vez, há dez anos, Walesa aconselhou Lula a deixar a política partidária e cuidar apenas do sindicato. Hoje, Walesa é o avalista político do Governo polonês, com o Solidariedade transformado de sindicato em partido.